O PEDIDO DE EMPREGO

PROGRAMA

O PEDIDO DE EMPREGO

DE MICHEL VINAVER
ENCENAÇÃO DE ANTÓNIO PARRA

TEATRO DA RAINHA

QUE SOCIEDADE É ESTA QUE TRATA OS SEUS COMO DESCARTÁVEIS?

Vinaver, o Teatro da Rainha, tinha vontade de fazer. Há muito. Em Évora vi ***Dissidente, Só*** — sobre a dissidência adolescente e os perigos que espreitam, encenado pelo Luís Varela — e fiz de Passemar//Vinaver — encenado pelo Pierre Etienne — no gigantesco ***Borda Fora*** (quatro horas, um Shakespeare) peça que faz o diagnóstico, por dentro da engrenagem de vidas de uma empresa de produção de papel higiénico, do «novo mundo» trazido pelo *marketing*, pela ciência do controlo publicitário consumista das mentes e danos nada colaterais criados, nomeadamente a exclusão dos «mais velhos», atirados borda fora para o desemprego antes da convencionada idade da reforma.

Se ***Dissidente, Só*** fala da droga, ***Borda Fora*** aborda as novas formas tecnológicas, imagéticas e comunicacionais de imposição de uma vida virtual — criando necessidades falsas, dependências tóxico-consumistas — como vida real, que os *yuppis* e a sua cocaína estimulante vendiam — e vendem — confundindo sociedade e vida em sociedade, com excitação constante, jogo capitalista de casino, ritmo vital determinado pela loucura das bolsas. Foi, em parte, isso que levou ao *crash* de 2008 e é isso que reina no ambiente capitalista selvagem que tomou o mundo, venha ele do capitalismo comunista de partido único — que tudo corrompe, entre nós também — do *trumpismo* rasca que impera nos EUA, do *putinismo* violento e antidemocrático, venha ele das civilizadas potências ocidentais e seus negócios, do armamentista aos hidrocarbonetos e outros.

O que interessa agora dizer é que ***O Pedido de Emprego***, encenado por António Afonso Parra — que o Luís Varela fez há tempos — é um texto sobre um desempregado, naquela idade em que parece não haver futuro havendo competência e sabedorias profissionais, que procura trabalho e é submetido a uma entrevista de avaliação de capacidades que se revela um verdadeiro diagnóstico do sistema — o desempregado é a figura pura da vítima —, dos modos de exclu-

NÃO SÃO PESSOAS, MAS ENTIDADES FINANCEIRO-CONTABILÍSTICAS, PESSOAS-CARTÃO-DE-CRÉDITO, CRIATURAS-LUCRO COM PERNAS

são da engrenagem das empresas quando as pessoas chegam aos «entas» — sai mais barato encher as empresas de estagiários inexperientes, com salários próximo do mínimo e promover capatazes e *controlers* que façam obedecer os outros em contextos tão operacionais que por essa razão são, em si, antidemocráticos.

Nestes lugares de horror — sejam livrarias de *best-sellers*, sejam supermercados, sejam os tais *call-centers* — o trabalho é exercido segundo regras de *marketing* comunicacional que obrigam as pessoas a ser peças de uma engrenagem burra de sedução tacanha, impondo-lhes «texto» que digam, comportamentos e olhares nas situações de contacto como os clientes — que também não são pessoas, mas entidades financeiro-contabilísticas, pessoas-cartão-de-crédito, criaturas-lucro com pernas mas não seres físicos e mentais, afectivos.

O desempregado de meia idade que protagoniza ***O Pedido de Emprego*** já não sairá do seu inferno, a sensação de inutilidade abate-se sobre ele como drama diário e estender-se-á a toda a família como uma metástase de mal estar, o futuro da filha também está comprometido, a pobreza absoluta espreita.

Na conversa com o recrutador empresarial, o que parece ser objectivo no inquérito é claramente a cartilha inquisitorial dos novos tempos de pertença a um mundo que nos expele logo que pode, máquina de produção de lucros para meia dúzia de acionistas anónimos ou capitalistas famosos. Nunca a lógica distributiva foi tão inigualitária, nunca a riqueza — de todos — esteve tão concentrada.

Que sociedade é esta que trata os seus como descartáveis?

Dizer ainda que Vinaver é um experimentalista e que o seu teatro acústico, que trata as falas como uma malha linguística sonora entremeada, é inspirado num método de recolha directa de falas de falantes no dia a dia — andava de gravador em punho no metro. Método que ao misturar os falantes nessa intrincada malha, não só converte o material na partitura sonora de um teatro de câmara, como consegue selecionar, de entre o magma quotidiano de desconexões falantes e de comunicação entrópica, um articulado essencial de situações que revelam sentido e que traduzem, com fidelidade «artística», portanto revelam, o que parece ser só tagarelice, enchido verbal, ruído.

Vinaver é um especialista genial da filtragem, ouvido e olhar atentos ao dia a dia e é um especialista da concisão, maestro de uma escrita polifónica do quotidiano.

É, além do dito, para mim, um prazer particular ter convidado o Parra a fazer a sua primeira encenação. Conheço o seu talento cénico, o seu humor sibilino e gestual, tantas vezes desconcertante, qualidades necessárias a um criador teatral. Desejo-lhe uma longa vida como encenador, também como actor que é e dos bons, dos que fazem coisas inesperadas.

E é também um prazer contar com a tradução do Luís e da Christine, camaradas de combate de longa data.

E também é para mim motivo de grande satisfação, esta mistura geracional que o elenco comporta, mais a jovem cenógrafa e outros fazedores do acontecimento teatral em jogo.

Muita merda portanto para o Nuno, a Inês (bem vinda ao TR), a Mafalda e o José Carlos. E para o António Parra e todos os rainhos e rainhas, inclusive para mim.

FERNANDO MORA RAMOS

UM MALABARISMO EMOCIONAL, ILOCUTÓRIO, EM QUE SÓ UM TRABALHO SEM FALHAS PERMITE TRANSFORMAR A APARENTE CACOFONIA EM TEXTO DRAMÁTICO, OBRA POÉTICA

1. UMA NOVA FORMA DE FAZER TEATRO

Deparei-me com uma nova forma de fazer teatro. Fui forçado a. Quanto mais leio que o inovador está no que rasga a convenção e deturpa o normatizado, mais penso que Michel Vinaver, enquanto autor, se encontra num estado de «além» inovação. Onde inserir este modo de escrita e de que forma abordar este texto? Não é um clássico, nem é absurdo, épico, farsa, melodrama, auto... Se no teatro só atingimos o movimento pós-dramático no final do século XX, este autor levou-nos uns anos antes, através do seu característico modo de escrita, a uma variação de um ainda embrião pós-dramatismo. Para quem, como eu, tem que elaborar uma ideia de encenação, não convém fugir aos princípios da *mimesis* e da *catharsis* aristotélica, mas sim conduzir a tarefa de percepção do texto, a concepção plástica e o trabalho dos actores nessa direção. Todavia, haverá sempre um dia normal, um ensaio normal, em que percebemos: Isto não é escrito para ser feito de forma normal. Para mim, esse dia foi o dia em que consegui inserir Michel Vinaver num estilo, e a partir daí começar a decifrar a sombra das suas palavras. Tropecei no quadro de Paul Klee – ***O Castelo e o Sol*** – e pensei: «isto parece-se muito com a peça que estou a fazer»! E lá estava, Michel Vinaver é um autor teatral que se insere no Cubismo! O retrato estava feito. Um retrato em que as partes compartimentadas compõem o todo, sendo elas aqui não convencionais cenas de teatro, mas personagens, temas, energias. Agora, faltava a acção, os corpos, os sons. Diria que, após o trabalho de análise do texto, esta peça não precisa de actores, mas sim de actores-malabaristas. Falo de um malabarismo emocional, um malabarismo ilocutório, em que só um trabalho sem falhas permite transformar a aparente cacofonia em texto dramático, obra poética. É, portanto, tecnicamente, um desafio colossal para qualquer intérprete e também para o público, pois também para ele o *puzzle* se vai construindo com o desenrolar da acção.

2. ACÇÃO, TEMPO, LINEARIDADE

A acção da peça aborda um tema central: o papel do «emprego» nas nossas vidas, como modo de sustento, mas acima de tudo, como modo de realização pessoal. O Capitalismo introduziu na sociedade uma fome que também nos atinge, mas que está de tal modo camuflada que nem sequer nos faz sentir dores de barriga. Inserir certos disfuncionalismos familiares nesta sociedade a arder (lembro que o texto surge pouquíssimo tempo depois do Maio de 68) é o mote para dificultar a missão das personagens. Nós vamos com eles nesta viagem. Ao mesmo tempo que eles? Sim, mas nem sempre. Se o *flashback*, o *flash-forward*, o *foreshadow*, etc. pertencem ao cinema, a literatura decorre no passado, a pintura é temporalmente estática, o presente encontra, então, no teatro, o seu lugar de eleição. Em teatro a acção é, por norma, linear. O que acontece (falando de acção), acontece sempre à nossa frente. E aqui não é excepção. O que Vinaver nos propõe (e aí é que está o golpe) é que andemos para trás e para a frente no tempo e na cronologia das personagens, às vezes à velocidade de uma deixa, tornando o retalhado manto de palavras num quadro mais colorido ainda, em que o próprio espectador tem que fazer uma ginástica mental se quer perceber tudo o que foi dito, feito, abordado. Facilitar essa ginástica, é o nosso trabalho. Esperamos tê-lo conseguido.

Resta-me agradecer a todos os que tornaram este espectáculo possível, começando inevitavelmente pelo Fernando Mora Ramos, que através do seu convite iniciou este processo e se manteve sempre por perto, como um cúmplice mentor.

À equipa do espectáculo, os incansáveis, muita merda.

Ao Teatro da Rainha, muito obrigado pela disponibilidade e pela confiança. Que sejam assim por muitos anos!

E claro, à Mafalda, Inês, Nuno e José Carlos, o meu abraço apertado. Vocês foram os primeiros, e os primeiros nunca se esquecem. Obrigado por me aturarem.

ANTÓNIO PARRA

02

O PEDIDO DE EMPREGO OU A ARTE DA VARIAÇÃO

MUSICALIDADE, RITMO, EXPLOSÃO DE SENTIDO, REPETIÇÃO, SURPRESA: CHAVES PARA UM TEATRO DUMA COMPLEXIDADE EXTREMA,

«Perder o lugar em Vinaver é como ser cornudo em Molière», escreveu Jean-Loup Rivière no prefácio à primeira edição do ***Teatro Completo de Vinaver*** em dois volumes (Actes Sud, 1986).

O emprego, a ameaça do despedimento e a situação de desemprego estão presentes de forma recorrente no teatro de Vinaver com que contactei: em ***Dissidente, Só***, a primeira das suas peças que encenei, que pode fazer Hélène, empregada da secção de contabilidade na casa dos quarenta, confrontada com o despedimento porque os computadores...?; em ***Borda Fora*** (encenação de Pierre-Etienne Heymann para a qual contribuímos, Christine Zurbach e eu próprio, com a tradução), que segurança podem ter os empregos dos funcionários e as lojas dos pequenos retalhistas apanhados no meio da luta entre uma média empresa nacional de produção de papel higiénico e uma poderosa empresa americana concorrente e, a seguir, no processo de fusão das duas?; em ***O Pedido de Emprego***, que hipóteses de encontrar um novo emprego tem um chefe de vendas de quarenta e tal anos inesperadamente despedido porque os novos métodos de gestão...?; em ***Os Trabalhos e os Dias*** é no serviço pós-venda duma fábrica de moinhos de café que se desenrolam todas as tensões (profissionais, amorosas...) entre cinco funcionários que confundem a sua vida com a empresa; em ***Os Vizinhos***, o emprego precário, para os jovens, a ameaça do desemprego e depois a realidade do despedimento, para os mais velhos, operam uma mudança profunda no modo de encarar o mundo por parte dum pequeno universo de dois pais e de dois filhos.

Em ***O Pedido de Emprego***, o desamparo em que se encontra o súbito desempregado Fage é, segundo a imagem feliz de Vinaver, o mesmo daquele que, caminhando muito digno por um passeio, escorrega numa casca de banana, se desequilibra, esbraceja para se manter de pé, se estatela e cai redondo no chão. Depois, há-de sentar-se, olhar à volta e ver, de baixo, o olhar condoído e trocista dos passantes que se detêm uns segundos e depois seguem caminho. E ele? Ri-se? Ri-se do facto de ter uma filha de quinze anos esquerdista, grávida acidental dum estudante estrangeiro preto, pequeno traficante de drogas, universitário que prepara uma tese sobre as anedotas, e que quer guardar a criança até ela aprender a falar e depois entregá-la a alguém? Ri-se do facto de estar a ser, aos quarenta e tal anos, sujeito a uma cerrada entrevista com um especialista de recursos humanos com vista a encontrar um novo emprego? E do facto de as respostas das empresas a que se candidata serem todas negativas? Ri-se do facto de a sua mulher dona de casa, especialista a vincar calças e engraxar sapatos do marido, depressa se reciclar, encontrar trabalho e aprender num ápice os tiques de comportamento e de linguagem do mundo das empresas?

Entre o cómico e o triste, o teatro de Vinaver põe o leitor (e o encenador, e o actor, e o espectador) num permanente equilíbrio instável acentuado, no caso de ***O Pedido de Emprego*** por uma quase impossibilidade de cronologia, privado, de qualquer modo, do conforto dum desenvolvimento causal e linear da intriga, como numa vertigem de estilhaços de sentido que só na duração tenderão para se arrumarem, pelo menos parcialmente, para permitirem adivinhar uma narrativa que se obstinará em não se revelar porque o tempo se baralha, se sobrepõe, avança e recua. A justo título diz Vinaver que ***O Pedido de Emprego*** é o sítio em que, «ao mesmo tempo que o personagem principal perde o emprego, o autor perde o tempo».

Teatro da repetição e da variação, inspirado, na sua estrutura, nas ***Variações Diabelli*** de Beethoven: o *leitmotiv*, reconhecível na primeira sequência da peça, poderia ser, diz o autor, «sim, perdi o emprego e estou a ser entrevistado por alguém que me vai provavelmente permitir arranjar outro», e as seguintes sequências, vinte e nove, retomam-no com variação, como quem descobre ou revela

sucessivas camadas, ou diferentes ângulos de ataque duma mesma realidade, na impossibilidade de, como nos retratos cubistas de Picasso, pintar na mesma tela plana o perfil e a frente da mesma figura.

Musicalidade, ritmo, explosão de sentido, repetição, surpresa: chaves para um teatro duma complexidade extrema, no oposto do realismo vulgar, avesso a «psicologias», ao sub-texto, ao «efeito». Um imenso e difícil desafio, se a memória da minha encenação no Centro Dramático de Évora em 1997 não me trai.

LUÍS VARELA

MICHEL VINAVER
NOTA BIO-BIBLIOGRÁFICA

Nascido em 1927 em Paris, Michel Vinaver inicia-se na literatura com dois romances, ***Lataume*** em 1950 e ***L'Objecteur*** em 1951 (prémio Fénéon)

Entra em 1953 como estagiário numa empresa multinacional de produtos de grande consumo onde ocupará, até 1980, funções de quadro e, depois, de direcção em diferentes países da Europa.

Michel Vinaver escreve a sua primeira peça, ***Les Coréens***, em 1995, encenada em estreia absoluta por Roger Planchon, começando a partir daí um percurso de escritor de teatro que irá prosseguir em articulação com os seus empregos, num primeiro tempo na indústria e, depois, como professor nas universidades de Paris 3 e Paris 8.

Das suas dezassete peças escritas até à data, cinco foram encenadas em Portugal: ***Dissidente, Só*** [***Dissident, Il Va Sans Dire***] em 1983, com encenação de Luís Varela, no Centro Cultural de Évora; ***Borda Fora*** [***Par Dessus Bord***] em 1991, com encenação de Pierre-Etienne Heymann, no Centro Dramático de Évora; ***O Pedido de Emprego*** [***La Demande d'Emploi***] em 1997, com encenação de Luís Varela, no Centro Dramático de Évora; ***Os Trabalhos e os Dias*** [***Les Travaux et les Jours***] em 1998, com encenação de Luís Varela, no Teatro de Portalegre; ***Os Vizinhos*** [***Les Voisins***] em 2002, com encenação de Luís Varela, no Teatro das Beiras (Covilhã); e ***O 11 de Setembro de 2001*** [***Le 11 septembre 2001***] em 2019, com encenação de Pierre-Etienne Heymann, integrada no espectáculo ***Apocalipse Hoje***, no Centro Dramático de Évora.

Em França, para além de Roger Planchon, encenaram peças de Michel Vinaver Jean-Marie Serreau, Jean-Pierre Dougnac, Gilles Chavassieux, Antoine Vitez, Jacques Lassalle, Alain Françon, Christian Schiaretti, Arnaud Meunier, entre outros. O próprio Michel Vinaver encenou em colaboração com Gilone Brun a sua peça ***L'Ordinaire*** na Comédie-Française em 2009.

Vinaver é autor igualmente de traduções ou adaptações de obras de Sófocles, Eurípedes, Shake-

speare, Thomas Dekker, Maxim Gorki, Nikolai Erdman e Botho Strauss.

Presidiu, desde a sua criação em 1982 e durante cinco anos, à Comissão Teatro do Centro Nacional das Letras (França) e, nesse quadro, desenvolveu um inquérito sobre o estado da tradução teatral. A editora Actes Sud publicou o relatório que escreveu na sequência desse inquérito sob o título ***Le Compte Rendu d'Avignon – des mille maux dont souffre l'édition théâtrale et des trente-sept remèdes pour l'en soulager***.

Uma primeira edição do seu teatro completo em dois volumes foi publicada em 1986 pela editora Actes Sud. Uma nova edição em oito volumes, realizada conjuntamente por Actes Sud e L'Arche foi publicada entre 2002 e 2005.

A editora L' Arche publicou os seus escritos sobre o teatro em dois volumes, assim como ***La Visite du Chancelier Autrichien en Suisse*** e ***S'engager, correspondance avec Albert Camus*** (1946--1957).

A editora Actes Sud publicou a colecção *Répliques*, 12 volumes por ou sob a direcção de Michel Vinaver assim como a obra ***Écritures Dramatiques***, vasto estudo sobre dramaturgia organizado sob a sua direcção.

TRADUÇÃO
CHRISTINE ZURBACH
LUÍS VARELA

ENCENAÇÃO
ANTÓNIO PARRA

CENOGRAFIA
ANA GORMICHO

FIGURINOS E MÚSICA
ANTÓNIO PARRA

ILUMINAÇÃO
FILIPE LOPES
assistido por
LUCAS KEATING
VICENTE CASTRO

INTERPRETAÇÃO

Wallace
JOSÉ CARLOS FARIA

Luísa
INÊS FOUTO

Fage
NUNO MACHADO

Natália
MAFALDA TAVEIRA

Direcção de Produção
ANA PEREIRA

Produção executiva e secretariado
TERESA ALMEIDA

Construção e Montagem
FILIPE LOPES
LUCAS KEATING

Guarda-roupa
MAFALDA SANTOS

Comunicação e Públicos
NUNO MACHADO
CIBELE MAÇÃS

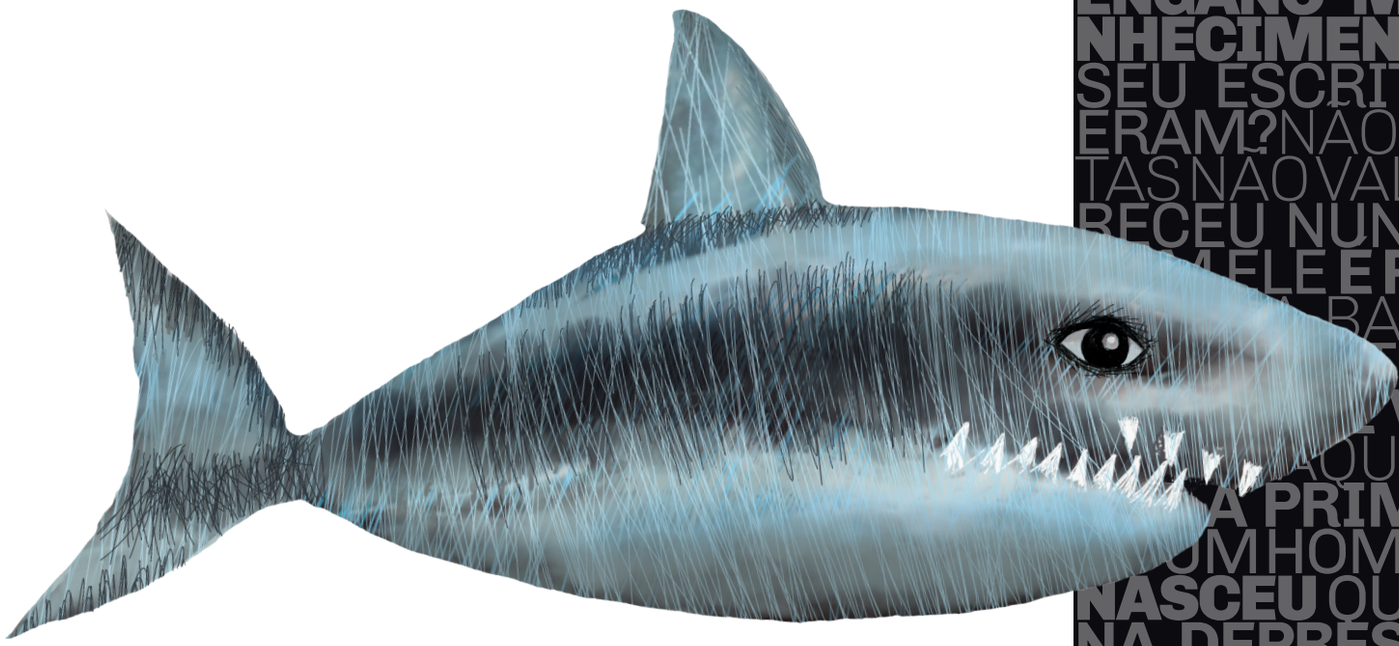
Criação de imagem e design gráfico
JOSÉ SERRÃO

Fotografia
MARGARIDA ARAÚJO

AGRADECIMENTOS: **ESCOLA DE HOTELARIA**, **MIGUEL COSTA**

APOIOS À DIVULGAÇÃO:

ANTENA 2 · mais oeste rádio 94.2fm · GIRODMÉDIAS PT · Gazeta das Caldas · JORNAL DE CALDAS



BASTARA UM FIM DE SEMANA EM COURCHEVEL AH POIS ELE É ELA EM COURCHEVEL MAS ELA ESTÁ PRESA E ELE **SABE QUE HÁ DETENÇÕES POR ENGANO MAS QUANDO SE TEM CONHECIMENTOS** QUANDO ELE SAIU DO SEU ESCRITORIO ONTEM QUE HORAS ERAM? NÃO ME FAÇAM MAIS PERGUNTAS NÃO VALE A PENA **NUNCA MAIS APARECEU NUNCA TRAZ MUITO DINHEIRO** ELE **É PARA RIR** SIM FIZERAM-ME BARRIGA **ELE VAI QUERER-ME** ER VINDO INCOMODA-LO **O VAMOS DIZER A MAE?** POE AQUI NÃO MAIS ABAIXO **ATÉ DI-A PRIMEIRA PALAVRA** SOBRETU-UM HOMEM ACTIVO COMO ELE **VOCÊ NASCEU** QUERIDO **ESSE DOSSIÊ MENINA DEPRESSA ESTÃO A MINHA ESPERA NA SALA DE CONFERÊNCIAS ENTÃO É PARA HOJE? É EVIDENTE** QUE HORAS SÃO? PAPÁ NÃO ME FAÇAS ISSO **A ESTA CARTA RESPONDA QUE NÃO PONTO FINAL A NOSSA COMPANHIA JÁ ESTABELECEU CONTACTOS AO MAIS ALTO** NIVEL DEVIAS TER-ME ACORDADO **O QUE É QUE OS SEUS PAIS FAZIAM? UM RISCO? SIM MAS CALCULADO** PAPÁ SE ME FAZES UMA COISA DESSAS NÃO TE ENGRAXEI OS SAPATOS SAÍSTE COM ELES TODOS SUJOS PAPÁ RESPONDE-ME **A OPERAÇÃO PODIA DAR UM LUCRO NÃO NEGLIGENCIAVEL NA NOSSA SOCIEDADE** TAMBÉM QUERIA DAR UMA VINCADELA NAS TUAS CALÇAS **VOCÊ PESA PARA UMA ALTURA DE**

TEATRO DA RAINHA

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

262 823 302 | 966 186 871
www.teatrodarainha.pt
comunicacao@teatrodarainha.pt

COMPANHIA FINANCIADA POR:

CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL DAS ARTES

DIZ-ME, NATÁLIA
PARA QUE É QUE SE TRABALHA?
PARA GANHAR A VIDA?
MAS QUE VIDA?